

Pensando com a imagem

Marcelo Machado

Para além da sala de aula: o olhar dos alunos sobre o bairro onde moram



Fonte: Foto de Ailson Romão

A Oficina do projeto “Poesia onde não tem” foi realizada com os alunos do C.E Parada Angélica, no município de Duque de Caxias/RJ. Procuramos conversar com os alunos, enfatizando a justificativa e o embasamento para o trabalho: montar uma exposição sobre o bairro onde moram, revelando aspectos cotidianos que muitas vezes passam despercebidos aos nossos olhos.

Buscamos assim, aproximar os alunos da ciência e do cotidiano em que estão inseridos. Apresentamos correlações entre o que eles vivem e o que pode, deve e merecer ser visível, ‘conversado’ e fotografado. Dar visibilidade aos trabalhos deles para eles mesmos e para outros, tornando-os criadores de realidade, produtores de ciência e imagens. No início, as conversas rodaram ao em torno da região, que não merecia ser vista, “não tinha nada ali que merecesse ser fotografado”, como diziam os alunos. No entanto, com as

conversas, foi possível perceberem que se tratava de mudar o olhar deles sobre onde eles moram e não mudar o lugar para fotografá-lo.

“A validade da ciência está em sua conexão com a vida cotidiana” (MATURANA, 2001, p. 30 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 29). Através dessa constatação do autor chileno, podemos observar que ciência e cotidiano não podem ser tratados de modo dicotômico, muito pelo contrário, que é possível e fundamental que encontremos respostas científicas para nossas atividades cotidianas, que usemos desses caminhos para movimentar ações nos mais diversos ‘*espaçostempos*’, inclusive os escolares e os ao redor da escola.

Seguindo com Maturana (1997), o autor destaca que diferentes aspectos de uma mesma situação, como a existência de caminhos diversos que os observadores podem ter trilhado, convergem para se chegar a uma determinada visão. Assim, concordamos com os pressupostos de Alves (2012-2017) quando descreve a importâncias das nossas redes que se/nos entrelaçam. De acordo com as redes em que estamos inseridos, formando e sendo formados, cada indivíduo compreende, tomando como exemplo o caso do cinema, os filmes de forma diferente, e nem por isso estão equivocados, apenas estão observando a uma situação por um ângulo distinto. E essa perspectiva se estende a distintas áreas e diversas redes.

Entendíamos que todos aqueles alunos produziram fotos bem distintas e que veriam belezas de forma muito subjetiva, pois compreendemos que todas as ações que se concretizam ‘*nosdoscom*’ os cotidianos nos ‘*espaçostempos*’ escolares são possibilidades de tessitura de reflexões, saberes e ‘*conhecimentossignificações*’. Sendo assim, observamos o quanto as conversas foram importantes para que oficina se concretizasse. O ato de falar dos alunos, nesse caso, era muito relevante, pois precisavam expor suas dúvidas e seus anseios.

Maturana (2001), em seus apontamentos sobre pesquisas do cotidiano nos revela que é possível fazer conhecimento/ciência se utilizando dessas cognições humanas. O autor acredita ainda que estamos interligados com nossa pesquisa, que nas conexões por redes diversas alimentam nossas experiências. Destaca também que a troca de experiências, seja por emoções, diferentes linguagens ou conversas, é importante para as validações das pesquisas científicas. O tempo todo nós reforçávamos para os alunos que eles eram parte integrante do processo, que a opinião, os afetos e os valores criados por eles eram importantes pra compreender os signos da Oficina “Poesia onde não tem”.

Nas *conversas* então é possível uma maior aproximação entre ‘*docentes discentes*’, tornando a relação de maior confiança, o que facilita o diálogo. Os alunos se sentem mais à vontade e livres para falar sobre seus pensamentos. É perceptível que, para alguns adolescentes, é muito difícil se expressar em público formalmente. No entanto, entendemos justamente que as *conversas* podem contribuir para essa ‘quebra’ de postura, deixando os alunos mais ‘à vontade’ para expor opiniões, narrarem ou trocarem as experiências.

O tempo todo procuramos salientar junto aos alunos que as fotos eram formas de expressão que podiam carregar muito dos gostos, vontades, desejos deles. As *conversas* serviam todo o tempo para que houvesse uma retomada ao tema e eles pudessem, enquanto aprendizes de fotógrafos, narrar suas experiências e suas aventuras.



Fontes: Fotos de Thaíza Souza

Sobre o autor

Marcelo Machado é doutorando no ProPEd/UERJ.

Referências

ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019 (no prelo; ainda sem páginas)

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana* / Humberto Maturana, organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001